

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

ELIANE KLEIN VIERA

**MÉTODOS DE AVALIAÇÃO QUE ENCAMINHAM O ALUNO AO
SUCESSO OU AO FRACASSO ESCOLAR**

**Três Cachoeiras
2010**

ELIANE KLEIN VIEIRA

**MÉTODOS DE AVALIAÇÃO QUE ENCAMINHAM O ALUNO AO
SUCESSO OU AO FRACASSO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora: Márcia Caetano

Professora: Ivany Ávila de Souza

Três Cachoeiras

2010

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todos que acreditam que o sistema avaliativo atual deve ser revisto principalmente no que se refere à autonomia do professor frente aos critérios avaliativos.

AGRADECIMENTO

Muitos foram aqueles que torceram para que este trabalho se concretizasse.

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida,

Por dar força e coragem para seguir em frente e vencer os obstáculos encontrados durante toda caminhada, aos familiares e amigos por me apoiarem e incentivarem, aos mestres por confiarem e acreditarem em minha competência.

Agradeço à professora Ivany Souza pelas orientações e acompanhamentos no decorrer desta pesquisa.

À tutora Márcia Caetano pela sua garra e disposição, sempre se colocando à disposição para ajudar.

A todos vocês muito Obrigado!

EPÍGRAFE

Grandes foram às lutas, maiores as vitórias.

Sempre estiveste conosco.

Muitas vezes pensamos que este momento nunca chegaria.

Queríamos recuar ou parar, no entanto.

Tu sempre estavas presente, fazendo da derrota uma vitória, da fraqueza uma força.

Com a tua ajuda vencemos. A emoção é forte.

Não chegamos ao fim, mas ao início de uma grande caminhada.

(Isaías 55.10 -11)

RESUMO

A presente pesquisa teve como finalidade analisar bibliografias referentes ao tema da avaliação, bem como os procedimentos metodológicos e os instrumentos utilizados para realizar a avaliação no dia-a-dia escolar. O objetivo geral foi o de pesquisar e esclarecer a função primordial da avaliação e apontar alternativas para a melhoria do desempenho da avaliação escolar. Procurou-se descobrir qual a contribuição da avaliação no processo de ensino e de aprendizagem e como esta se realiza na prática. Com base em diversas referências bibliográficas e na observação do cotidiano de práticas pedagógicas é possível detectar que o sistema de avaliação precisa de reformulações e de práticas pedagógicas atualizadas. Observou-se, através da prática que a avaliação escolar tem sido usada muitas vezes como forma de centralização do poder por parte dos professores que assim agem por diversos motivos, dentre os quais poderiam ser destacados: falta de processo de formação docente e dificuldades em trabalhar com as questões disciplinares sem um elemento de controle, sendo então, a avaliação usada como instrumento disciplinador, às vezes até, em alguns casos, com caráter vingativo, gerando assim um sistema de avaliação classificatório e excludente que não valoriza a individualidade de cada aluno e nem desenvolve as competências e habilidades a partir dos conhecimentos prévios dos alunos. A pesquisa foi desenvolvida através de um questionário respondido por professores da rede pública estadual e municipal de Três Forquilhas. Nele havia perguntas referentes à prática de ensino e os métodos de avaliação utilizados por estes. Em seguida, baseando-se nas teorias de Jussara Hoffmann, Maria Teresa Esteban, Cipriano Luckesi, Pedro Demo, entre outros, que abordam temas referentes à inovação da avaliação, com sistemas que valorizam mais o conhecimento do aluno, este estudo buscou analisar a avaliação num todo. Foram comparados os resultados da pesquisa com as teorias analisadas no que se refere à avaliação escolar, buscando encontrar respostas que possam nortear a prática avaliativa no cotidiano escolar de maneira eficiente sem que haja prejuízo por parte dos educandos. Então se torna necessário rever os métodos avaliativos em vigor atualmente para que se possa discutir e implantar um sistema de avaliação de qualidade que vise melhorar a relação entre aluno e professor e ajudar no processo de ensino e de aprendizagem. Concluiu-se, através deste trabalho que o sistema de ensino atual precisa sofrer algumas transformações urgentes, deve-se iniciar a mudança a partir dos métodos utilizados para ensinar os conteúdos, onde o professor deve deixar de ser um transmissor do conhecimento para se tornar mediador, possibilitando assim que os alunos participem das aulas, exponham seus conhecimentos, se tornem indivíduos pensantes, críticos e com capacidade para decidirem o que querem fazer, como vão fazer e para que vão fazer para que sejam sujeitos ativos na sociedade.

Palavras chave: Avaliação. Processo. Aprendizagem. Conhecimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO.....	09
2 AVALIAÇÃO COM CARÁTER CLASSIFICATÓRIO.....	15
2.1 Avaliação Mediadora.....	16
2.2 Avaliação Formativa.....	17
2.3 Avaliação Qualitativa.....	19
3 AVALIAÇÃO X EXCLUSÃO SOCIAL ≠ QUALIDADE DE ENSINO.....	21
3.1 A recuperação do sujeito escolar como sujeito social.....	23
3.2 Crises e perspectivas deste paradigma.....	23
4 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	27
5 METODOLOGIA DE PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS.....	29
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

A avaliação é um processo indissociável da vida de qualquer ser humano, pois está presente em todos os momentos, durante a infância e a vida adulta. As relações sociais são baseadas num processo avaliativo recíproco, ou seja, o indivíduo ao mesmo tempo em que avalia está sendo avaliado, mesmo que as formas avaliativas sejam diferentes e por razões diversificadas.

Neste momento, precisamente, será abordada a questão da avaliação escolar, pois a escola é o âmbito no qual se inicia formalmente o processo de avaliação. A necessidade de se pesquisar este tema originou-se da relevância da avaliação na aprendizagem dos alunos e também das polêmicas e conflitos gerados na escola referentes a este processo que pode ser uma porta aberta para o conhecimento ou o bloqueio e desmotivação para o mesmo.

Então, devido à importância do processo avaliativo para o desenvolvimento dos alunos, desencadeou-se a necessidade de conhecer novos métodos avaliativos para comparar com aqueles que vêm sendo utilizados nas escolas e assim ter maior certeza na hora de avaliar um aluno.

A escola escolhida para a pesquisa tem alunos que apresentam diversas maneiras de se expressar e de participar das aulas, alunos que não se manifestam, não conversam em sala de aula, outros que são bem participativos, alguns não gostam de falar ao público, enfim, são vários os casos.

Com o intuito de se aprofundar o tema proposto traçou-se um objetivo geral: esclarecer a função primordial da avaliação e encontrar respostas para a melhoria dessa prática.

Para a realização deste objetivo percorreram-se vários caminhos específicos: Pesquisar a importância da avaliação no processo de ensino-aprendizagem em diversas bibliografias e observar, na prática, quais os métodos que encaminham os alunos ao fracasso ou ao sucesso escolar.

Para o desenvolvimento deste trabalho realizou-se, além da revisão bibliográfica sobre o tema abordado, uma pesquisa de campo com professores da rede municipal e estadual de ensino no município de Três Forquilhas, além da análise da prática

realizada no estágio supervisionado com alunos da rede municipal. Os professores responderam a um questionário que os indagava sobre seus métodos avaliativos e algumas reflexões sobre o determinado assunto. Além disso, tomou-se por base a avaliação aplicada em determinados casos observados na prática de estágio.

O capítulo 1 aborda a concepção da avaliação que trata da função da avaliação dentro do processo de ensino e aprendizagem, colocando-a como um ponto de referência deste processo que serve para analisar: em que nível está a aprendizagem, a relação entre educador e educando, o nível do ensino, a absorção do mesmo, o andamento do processo de ensino-aprendizagem.

No segundo capítulo é abordada a questão da avaliação como caráter classificatório. Numa perspectiva crítica, este capítulo mostra como as escolas e a maioria dos professores da educação pertencem a um sistema ligado à exagerada preocupação com exames e notas, deixando a aprendizagem em segundo plano. Além disso mostra os tipos de avaliação consideradas importantes pelos autores citados na pesquisa (avaliação – mediadora, formativa e qualitativa).

O capítulo 3 trata da questão da avaliação não como método para exclusão social do aluno, mas sim como uma ferramenta para melhorar a qualidade do ensino, além disso aponta opções de recuperação do aluno, bem como as crises e perspectivas deste paradigma.

O quarto capítulo trabalha com a construção do conhecimento, analisando a questão do trabalho do professor, de como este precisa estar aberto às mudanças e transformações que ocorrem no dia-a-dia de sua sala de aula, além de permanecer em uma busca constante por novas metodologias que visem o desenvolvimento do aluno.

O quinto e último capítulo trata da metodologia da pesquisa e da análise dos dados coletados, de como se desenvolveu o trabalho em questão e das conclusões a cerca do que foi pesquisado.

1 CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO

Para compreender-se melhor a concepção de avaliação foram utilizados conceitos de alguns autores, já que é necessário entender este processo, devido ao fato da avaliação da aprendizagem integrar o processo ensino e de aprendizagem e a fim de observar possíveis falhas no processo de avaliação utilizado atualmente e tomar as devidas e possíveis providências.

Num primeiro momento é necessário compreender a diferença entre medida e avaliação, considerando que alguns professores não fazem distinção entre os mesmos. A medida faz parte do processo avaliativo é ela que mostra a habilidade do aluno, porém a avaliação mostra o valor dessa habilidade. E através da avaliação que se pode coletar e analisar dados, a partir disso é possível verificar se os objetivos foram alcançados.

Existem inúmeras concepções acerca do processo metodológico desenvolvido na sala de aula quanto à avaliação:

De acordo com Luckesi (1995) “As concepções de avaliação são subsidiárias de uma determinada forma de trabalho pedagógico, que inclui metodologia, relação professor-aluno e concepção de aprendizagem”. (1995, p. 108).

A partir daí é possível chegar a uma visão mais ampla da função da avaliação dentro do processo de ensino e de aprendizagem, perceber que esta não está somente direcionada a julgar, testar ou classificar o aluno, mas sim como um ponto de referência do processo de ensino e de aprendizagem, pois com ela que se pode analisar em que nível está a aprendizagem. Isto é, a relação entre educador e educando, o nível do ensino, a absorção do mesmo, o andamento do processo de ensino-aprendizagem.

Bloom (1983) Miras e Sole (1996) e Luckesi (1995) classificam a avaliação em três modalidades: diagnóstica, formativa e somativa. A avaliação diagnóstica possibilita inicialmente conhecer o aluno, no que diz respeito a suas habilidades e conhecimentos, e também detecta dificuldades ou falhas no processo de ensino, a fim de reajustar o mesmo; a avaliação formativa é muito semelhante a anterior, tende a analisar a eficácia do processo de ensino, utilizando o *feedback* das necessidades, para então poder partir para as devidas soluções; a avaliação

somativa tende a classificar o aluno, através de seu nível de rendimento em suas notas.

É necessário redimensionar a avaliação, pois a avaliação diagnóstica oportuniza a correção de falhas e oferece também suporte para a formativa. Sendo que a avaliação como função classificatória, está fragmentada e é praticamente uma violência ao direito à educação básica, pois promove uma competição dos alunos entre si. Para Bloom:

Se a prática de utilização dos resultados somativos (...) não for planejada e controlada com cautela, ela terá, no máximo, uma validade duvidosa e poderá causar danos irreparáveis, fazendo com que certos alunos caminhem em direção a uma profecia de fracasso (...) o fracasso repetido pode destruir a confiança do aluno em sua própria capacidade de rendimento. (Bloom 1983, p. 99).

O que precisamos atualmente no cotidiano escolar, é buscar entendimento para vivenciar um equilíbrio nas práticas avaliativas que integram o processo ensino-aprendizagem, práticas voltadas para uma maior abrangência pedagógica, para assim a seu tempo atender a cada uma de suas funções.

Na escola atual existe uma difícil relação professor-aluno que deixa de ser um encontro e passa a ser uma rede de normas, limites e exigências. Além disso, somente o aluno é avaliado, o professor ainda tem o papel de destaque no processo do ensinar e do aprender. Os alunos permanecem sentados em fila, de costas uns para os outros, todos voltados para o professor. Essa situação precisa ser revertida, a escola necessita aprender a valorizar o aluno, respeitar sua individualidade, como sujeito diferente dos demais. O professor deve ser um orientador e fazê-lo de forma participativa, incluindo o aluno no diálogo. Além disso:

Os professores devem induzir os alunos a pensar e a entender claramente a verdade por si mesmos. Não basta ao mestre explicar, ou ao aluno crer, cumpre suscitar o espírito de investigação, e o aluno ser atraído a enunciar a verdade em sua própria linguagem, tornando assim evidente que lhe vê a força e faz a aplicação. (WHITE 1976, p.140).

O professor é apenas um mediador entre o aluno e o conhecimento em questão. Não cabe ao professor transferir sua sabedoria ao aluno, o papel de educador não é este, mas sim mostrar ao educando os possíveis caminhos para que este, com suas próprias conclusões, encontre o saber.

Logo, o professor é a peça fundamental para a eficácia do processo de avaliação, cuja postura é o resultado de sua concepção, de seu contexto histórico-social, de sua prática na convivência de seu cotidiano escolar, é claro considerando também as condições proporcionadas pela instituição. Portanto é necessário que o professor esteja preparado. É importante estar atento para o papel do aluno no processo de avaliação.

Chega de avaliações que não envolvam sentimento e significados pessoais, é necessário relevar o pessoal num todo, de forma íntegra. É necessário considerar além dos aspectos cognitivos, também os afetivos dentro do processo de bens.

O aluno pode ser avaliado no dia-a-dia, durante as aulas, suas atitudes, participação, interesse, sua relação com os demais, sua personalidade, se possui espírito de liderança que se destaca e seu desempenho cognitivo. Tornando então o processo de avaliação mais prazeroso.

É necessário destacar que a angústia, o medo e a tensão vividos no momento do processo avaliativo impedem um bom desempenho do aluno, além de causarem outras consequências no mesmo, como aversão, assim como possíveis traumas e problemas na vida futura.

A pressão dentro da escola, como provas difíceis, ameaças, rigidez, punição, discriminação tendem ao fracasso escolar, pois ele que obedece por medo pode se tornar um rebelde dentre outras consequências.

Por tudo isso se entende que a avaliação é um processo difícil para todos na escola, mas principalmente para o aluno, pois é ele que sofre diretamente a ação. Dada então a necessidade de um reajuste no processo de avaliação dentro da escola, tornando o processo mais dinâmico e menos angustiante.

A avaliação realizada pelos professores, infelizmente, ainda está voltada, em sua maioria, para aspectos quantitativos em relação aos conteúdos, tendo-se uma preocupação absurda com a média final do aluno, acaba-se através deste método medindo-se a aprendizagem dos alunos, sem considerar a individualidade e o tempo de aprendizagem de cada um.

A avaliação é um processo e deve ser realizado continuamente e constantemente, durante todas as aulas os professores devem instigar os alunos para que participem dos assuntos trabalhados, para que exponham suas ideias, sendo assim sujeitos no processo de ensino-aprendizagem e para que juntos construa o conhecimento e desenvolvam suas habilidades .

Para o aluno, a avaliação é um instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para a reorganização do seu investimento na tarefa de aprender. Para a escola, ela possibilita definir prioridades e localizar os aspectos das ações educacionais que demandam maior apoio.

O método de avaliação utilizado nas escolas é uma consequência do próprio sistema de ensino, ou seja, explica-se um conteúdo, aplicam-se exercícios e depois se marca o dia para o teste. A reforma do ensino deve iniciar a partir da maneira como são ensinados os conteúdos para haver conseqüentemente uma mudança no processo avaliativo.

O sistema na intenção de ser autoritário e supremo se mostra frágil, à medida que não flexibiliza nem a favor do educador e nem a favor do educando, ficando tudo como está e sem a menor possibilidade de mudança, de transformação ou mesmo de aprimoramento. O professor é que convive com o aluno, é o professor que prepara a aula, é o professor que conhece a realidade do aluno, se o aluno trabalha ou se apenas estuda, então deveria ser o professor o sujeito a decidir como vai avaliar este aluno, se vai dar uma prova ou quatro, ou avaliá-lo somente com trabalhos, ou repartir a metade da nota para participar e a outra metade para os conteúdos trabalhados. Desta maneira o processo avaliativo seria individualizado, pois cada professor tem um modo de trabalhar e uma mesma turma (série) reage de maneira diversa a cada professor.

Cada professor deveria ter a autonomia para decidir como avaliar cada turma e não avaliar todas as turmas do mesmo jeito. Um professor poderia avaliar mais aspectos referentes ao conteúdo e o outro avaliaria mais a participação do aluno, podendo assim trabalhar para que o lado mais produtivo de cada aluno fosse aproveitado.

E mesmo assim poderia ser trabalhada a interdisciplinaridade, projetos envolvendo assuntos transversais, onde cada professor iria explorar os aspectos mais relevantes para o desenvolvimento das competências e habilidades de cada aluno avaliando assim a sua evolução durante todo o processo de trabalho (pode ser individual ou coletiva).

Outro ponto a que se deveria ênfase é a questão da participação do aluno. Como já foi citado anteriormente, a participação do aluno detém apenas uma porcentagem pequena no processo avaliativo, este fato faz com que os esforços e a mentalidade tanto de alunos quanto de professores estejam voltados somente aos

conteúdos. Para quebrar este paradigma é necessário que a participação do aluno seja valorizada por todos, ou seja, pelo professor, pelo aluno e pelo sistema. Não adianta o professor dizer que o aluno tem que participar, que vai ser bom para ele, é preciso mostrar que vai ser bom. Se, de início a participação for valorizada e o aluno, participando, tirar nota boa, isto fará com que participe (por causa da nota).

Mas esta é a questão fundamental, pois se o aluno participar da aula, mesmo que seja só por causa da nota, provavelmente irá reter muito mais informação, prestará muito mais atenção e automaticamente tornará a sua aprendizagem significativa se apropriando do conteúdo desenvolvido.

Esta medida servirá para solucionar outro problema: a indisciplina dos alunos, pois muitos não participam das aulas por se considerarem incapazes de acompanhar a explicação do professor e, então acabam sendo reprovados e se desestimulando mais ainda, mas a partir do momento em que ele perceber que a sua participação e dedicação poderão ter valor sobre os aspectos quantitativos e conteudistas, as atitudes e ações do aluno mudarão, deixando a rebeldia e indisciplina de lado e se tornando um sujeito motivado, ativo e construtor do seu próprio conhecimento.

Uma das tarefas que mais preocupa educadores de todos os lugares do mundo, certamente é o processo de avaliação dos alunos, pois a atuação dos profissionais é determinante tanto no fracasso quanto no sucesso dos estudantes.

Como avaliar? O que avaliar? Como responder estas questões? Existe uma única resposta que contemple de forma abrangente toda a diversidade e pluralidade existente nas salas de aula em que atuamos? E qual é o papel do professor?

São estas e muitas outras questões que intrigam e inquietam a maioria dos profissionais da educação. É possível encontrar na LDB a seguinte afirmação:

A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. (LDB, 1996, art. 24, V)

Superar a questão da avaliação burocrática a que a escola submete o aluno e trabalhar com o fracasso escolar visando alcançar o sucesso no processo de conhecimento do aluno, acredita-se serem os maiores desafios de todos nós educadores.

O erro de uma questão avaliativa não determina definitivamente que o aluno não sabe o que lhe foi perguntado.

Existem inúmeros fatores que influenciam no momento da avaliação e que podem sim, alterar significativamente o desempenho do aluno.

De acordo com Esteban (2002) a partir do exame o professor pode avaliar se o aluno foi capaz de responder adequadamente as suas perguntas. Porém, o erro ou acerto de cada uma das questões não indica quais foram os saberes usados para respondê-la, nem os processos de aprendizagem desenvolvidos para adquirir o conhecimento demonstrado, tampouco o raciocínio que conduziu à resposta dada.

Para a construção do processo ensino/aprendizagem, estas são as questões efetivamente significativas, e não o erro ou acerto como ressalta a lógica do exame.

2 AVALIAÇÃO COM CARÁTER CLASSIFICATÓRIO

Está enraizada na mente de todos os educadores a preocupação com a aprovação e reprovação, ou seja, a classificação dos alunos, no entanto a preocupação deveria ser primordialmente com a aprendizagem de seus educandos. Mas a maioria dos profissionais da educação pertence a um sistema ligado à exagerada preocupação com exames e notas, deixando a aprendizagem em segundo plano.

Muitos professores utilizam a avaliação para ameaçar os alunos, enquanto deveriam utilizá-la para saber o que o aluno aprendeu e o que não aprendeu para posteriormente buscar novos métodos para assimilação dos conteúdos, buscando o aprendizado e desenvolvimento do educando.

Para Luckesi “os professores elaboram suas provas para “provar” os alunos e não para auxiliá-los na sua aprendizagem: por vezes, ou até mesmo em muitos casos, elaboram provas para “reprovar” seus alunos”. (LUCKESI, 1995, p. 21.)

A avaliação está sendo utilizada pelos professores para ameaçar, assustar os alunos, os quais acabam estudando para a prova por medo de reprovar simplesmente, enquanto deveriam estudar para aprender. A avaliação é uma maneira encontrada para disciplinar os alunos; os professores, muitas vezes, elaboram provas muito difíceis, com conteúdos que não foram trabalhados, ou elaboram questões de maneira que os alunos não compreendam para mostrar quem tem o poder e para se “vingar” de alunos indisciplinados. Estas questões devem ser pensadas com urgência e a mudança é imprescindível.

Através da avaliação que vem sendo realizada nas escolas de uma maneira inadequada, os alunos são classificados, rotulados por meio de provas, testes com datas e horas marcadas, demonstrando mais uma vez o autoritarismo exercido pelo professor, que exerce, então, uma ação determinante sobre o “destino” dos alunos.

Segundo Luckesi (1995) a pedagogia do exame sob a qual vivemos possui muitas consequências: centraliza a atenção nos exames, não auxilia a aprendizagem, desenvolve personalidades submissas, é bastante útil para a seletividade social.

Como já foi citado anteriormente a escola está usando a avaliação de forma errônea, equivocada. E desta maneira, infelizmente, em vez de se buscar o

desenvolvimento do aluno e a sua aprendizagem, estão bloqueando o seu interesse, o seu modo de pensar, a sua criatividade. A escola está matando seus alunos mentalmente através de ameaças, classificações e autoritarismo, tornando-os seres submissos, sem criatividade e sem vontade de aprender. Estão fazendo com os alunos o contrário daquilo que deveriam fazer. Os objetivos principais devem ser: a formação do educando como cidadão crítico, com base para lutar por seus direitos, com conhecimentos suficientes para se sentirem inseridos na sociedade.

Ainda segundo Luckesi (1995) a avaliação educacional escolar assumida como classificatória torna-se, desse modo, um instrumento autoritário e frenador do desenvolvimento de todos os que passarem pelo ritual escolar, possibilitando a uns o acesso e aprofundamento do saber, a outros a estagnação ou a evasão dos meios do saber. Mantém-se, assim a distribuição social.

2.1 Avaliação Mediadora

A transformação do sistema educacional ocasionará a mudança da mentalidade de todos os indivíduos envolvidos na comunidade escolar, mudança que irá visar à formação do indivíduo como um todo, possibilitando ao aluno progredir e se tornar um cidadão competente e feliz, sendo ele assim, o próprio mecanismo de transformação da sociedade, iniciando o ciclo de progresso da educação e dando uma função verdadeira e significativa ao ambiente chamado escola. Para Hoffmann (1993) pode-se afirmar que:

A avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento no processo de construção do conhecimento. O que exige uma relação direta com ele a partir de muitas tarefas (orais ou escritas), interpretando-as (um respeito a tal subjetividade), refletindo e investigando teoricamente razões para soluções apresentadas, em termos de estágios evolutivos do pensamento, da área de conhecimento em questão, das experiências de vida do aluno. (HOFFMANN, 1993, p. 75.)

Através da avaliação mediadora formam-se profissionais comprometidos com o seu trabalho, buscando em primeiro lugar valorizar o aluno como sujeito ativo de seu próprio aprendizado, a partir do momento que se busca saber qual é o conhecimento que o aluno traz em sua bagagem de vida sobre cada assunto que será abordado no decorrer das aulas, passa-se a tratar o aluno como agente e não como mero objeto do processo de ensino. Os professores precisam trabalhar na

perspectiva de ampliar o conhecimento dos alunos, aprimorá-lo e também, através da mediação acrescentar novas informações de maneira que os alunos relacionem com o que já sabem e se apropriem do novo. Neste caso, o professor auxiliará o aluno no processo de construção do conhecimento, considerando que:

[...] uma ação avaliativa mediadora envolveria um complexo de processos educativos (que se desenvolveriam a partir da análise das hipóteses formuladas pelo educando, de suas ações e manifestações) visando essencialmente o entendimento [...]. (HOFFMANN, 1991, p.72)

A proposta de ação avaliativa mediadora tem como prioridade o entendimento dos alunos e a valorização das suas manifestações e ideias. Enquanto o sistema atual se apresenta baseado em ações individuais e competitivas, concepção decisiva, classificatória e postura disciplinadora e autoritária do professor, a avaliação mediadora baseia-se na ação coletiva e consensual, com uma concepção investigativa e reflexiva e uma postura cooperativa do professor. Isto significa que o professor deve trabalhar para que o aluno tenha a possibilidade de buscar as informações que são necessárias para a construção do seu conhecimento e avaliar o que ele construiu, de maneira alguma criticando o erro, mas fazendo a intermediação e a intervenção a partir do que o aluno já conseguiu desenvolver para que ele mesmo possa buscar novas informações, trocar ideias com o professor, reorganizar o que já tinha construído, aprimorando o conhecimento e conquistando resultados mais significativos.

Assim a avaliação fará parte do processo de aprendizagem se tornando instrumento de análise e aprimoramento das ideias iniciais, sem ter aquela ação sentenciadora de apontar o certo e o errado, mas fazendo um diagnóstico dos conhecimentos do aluno e dos pontos de dificuldade que deverão ser trabalhados como prioridade.

2.2 Avaliação Formativa

Outra proposta que aparece para a mudança do sistema de avaliação tradicional é a avaliação formativa, a qual sugere a implantação de uma pedagogia diferenciada, pois seria muito difícil implantar uma nova maneira de avaliar em um

sistema cuja pedagogia seja clássica e tradicional. Neste sentido Perrenoud pode nos ajudar nesta reflexão, sendo que:

A avaliação formativa participa da renovação global da pedagogia, da centralização sobre o aprendiz, da mutação da função do professor: outrora dispensador de aulas e de lições, o professor se torna o criador de situações de aprendizagem portadoras de sentido e de regulação. (PERRENOUD, 1999, p.18)

Esta nova pedagogia admite que a maioria dos professores não estão preparados para trabalhar com novos métodos de avaliação e que é necessário a qualificação pedagógica e a profissionalização dos professores para que estes possam criar as situações que irão desenvolver no aluno uma aprendizagem significativa e cooperar com o aluno para que este possa interagir e ampliar o seu conhecimento.

De acordo com Perrenoud (1999) desenvolvendo-se o ponto de partida da avaliação formativa, chega-se à regulação da aprendizagem, pois todo aluno aprende de maneira diferente e em tempo diferente, o que exige ações e investimentos diferenciados e individualizados para cada aluno, priorizando os alunos que necessitam mais da sua cooperação, do seu apoio e incentivo para buscar a regulação da aprendizagem.

Neste sistema de avaliação formativa que visa à regulação da aprendizagem, ou seja, construção do conhecimento através da busca individual do aluno contando apenas com toques e esclarecimentos em momentos difíceis em que o aluno pode se perder do caminho, o tratamento diferenciado por parte do professor para com determinados alunos deve ser considerado normal, já que alguns apresentam necessidades especiais para poderem evoluir na pesquisa e na compreensão dos conteúdos trabalhados.

A avaliação se dá durante todo o processo, onde o que tem papel fundamental para esta análise é a própria didática inserida, a qual permita acompanhar a progressão de cada aluno de maneira a se formar um indivíduo competente, com uma aprendizagem significativa e ampla.

2.3 Avaliação Qualitativa

Segundo Werneck (2002, p.47) “quando se fala de qualidade e pergunta-se o que vem a ser qualidade, espera-se que qualidade, essa excelência, seja, antes de tudo, uma excelência humana. Qualidade esta que fará parte da formação de todo indivíduo que irá passar pela escola e ficará impregnado na sua personalidade quando este se tornar adulto”.

Após ser instalado este ensino de qualidade nas escolas, será cada vez mais fácil o aprimoramento evolutivo de cada série, podendo-se até, chegar algum dia ao ponto de dar conta de todo os conteúdos programáticos de cada disciplina, sem esquecer, é claro, de trabalhá-lo de maneira contextualizada. Para ficar mais claro esta situação pode-se usar um exemplo: hoje se começa a trabalhar com este método de avaliação da participação no primeiro ano do ensino fundamental, séries iniciais, no outro ano se trabalha com o segundo e o primeiro ano, e depois com o terceiro, o segundo e o primeiro ano e assim sucessivamente.

Quando aquela primeira turma estiver no sétimo ano, por exemplo, a bagagem adquirida na vivência escolar deste aluno será muito maior que de um aluno da mesma série correspondente hoje, pois a maioria dos conteúdos foram trabalhados contextualizadamente e provavelmente a participação do mesmo terá sido bem maior, já que esta é a base da nota.

Então, seguindo nesta lógica, a capacidade de absorção e investigação se apresentarão em níveis bem mais altos do que o que se apresentam no aluno de hoje, possibilitando um rendimento muito bom em relação à lista total de conteúdos. Para Demo:

[...] a avaliação qualitativa não é uma iniciativa externa, de fora para dentro... Na qualidade não vale o maior, mas o melhor; não o extenso, mas o intenso; não o violento, mas o envolvente; não a pressão, mas a impregnação [...]. (DEMO, 2002, p.13)

A avaliação qualitativa tratada por Demo (2002) aborda o tema qualidade. Qualidade do ensino, qualidade de aprendizagem e qualidade da avaliação. Essa avaliação qualitativa dá ênfase à participação, pois é ela que pode transformar, que pode fazer a mudança da mentalidade e a mudança do sistema.

A participação está incluída na qualidade política que se refere às finalidades e conteúdos. É através da participação, da convivência, da dedicação que surgem ideias, debates e a criatividade que são colocados em jogo, privilegiando as discussões e abordagens que irão criar a consciência crítica, definição de direitos e deveres, organização, além de possibilitar ao aluno a interpretação da realidade social com discernimento ideológico para se tornarem cidadãos críticos; sem aceitar e se submeter a tudo o que lhes é imposto sem questionar, sem entender, possibilitando assim, a esses jovens a capacidade de transformar o mundo em que vivem, melhorando a qualidade de vida, tanto social como política.

Além da qualidade política que está intimamente ligada aos fins, há também a qualidade formal que trata dos meios sem se preocupar com a finalidade. Esta qualidade trata do aperfeiçoamento dos instrumentos e dos métodos, a capacidade humana de inventar instrumentos capazes de solucionar problemas colocados à vista. Os instrumentos e os métodos estão sempre sofrendo aprimoramento para que possam ser reutilizados com melhor eficácia e eficiência.

Demo (2002) cita exemplos, como o uso da tecnologia para a construção de materiais utilizados em guerras e também o uso da tecnologia agrícola para produzir a abundância mundial de alimentos. Estes dois exemplos mostram que a ciência e a tecnologia fazem parte da qualidade formal, estruturando a forma como é feito para melhorar os resultados, mas cabe à humanidade decidir se isso vai ser usado de uma maneira produtiva ou destrutiva.

A qualidade pode ser usada também sobre aspectos quantitativos, estatísticas e coleta de dados onde os resultados podem demonstrar qualidade ou não, mas dados quantitativos não podem se tornar qualitativos, da mesma maneira que qualitativos não podem se tornar quantitativos.

Vale lembrar que a qualidade de que se fala não está preocupada com tamanho ou extensão, mas sim em valorizar o que é melhor e o que é intenso porque o que torna as pessoas felizes não devem ser as coisas materiais, mas sobretudo a conquista das suas potencialidades, da sua capacidade de autodeterminação, onde devem ser valorizados os aspectos culturais e artísticos que são fatores essenciais para o desenvolvimentos das competências e habilidades dos alunos, fatores esses que devem ser o foco de um sistema de avaliação que busca a qualidade do ensino na educação.

3 AVALIAÇÃO X EXCLUSÃO SOCIAL ≠ QUALIDADE DE ENSINO

A avaliação escolar não deve ser entendida como um método que exclui aqueles que não alcançaram o objetivo proposto em determinado instrumento avaliativo, mas sim em uma ferramenta capaz de mostrar o que foi feito de proveitoso durante o período analisado e o que pode ser feito para melhorar a qualidade de ensino, a fim de obter melhores resultados

Se avaliarmos os fundamentos e as medidas que os estabelecimentos de ensino têm adotado como forma de avaliação veremos que este instrumento nada mais é do que um termo que compara, diferencia, classifica e exclui aqueles que fazem parte do seu processo (Esteban, 2002. p.102)

A avaliação hoje nas escolas tende a definir a distribuição de recursos e regular o acesso ao mercado de trabalho e está cada vez mais distante do processo de ensino, a aprendizagem além de não dar espaço para diferenças e contradições presentes na realidade do indivíduo e marcar apenas a memorização e repetição do que foi ensinado.

A partir do momento, e sempre, que a avaliação escolar assumir o papel de selecionar e excluir indivíduos, ela vai se tornar apenas um instrumento que contribui para a exclusão social sem contribuir de forma alguma para a qualidade da educação.

Como afirma Esteban (2002) através desses mecanismos, a sociedade burocrática define quem está autorizado a saber, quais são as vozes sociais reconhecidas: insere em territórios distintos, com valores diferentes na hierarquia social, o conhecimento e a ignorância, produzindo o sucesso e o fracasso.

Se o objetivo da escola é trabalhar com o conhecimento e discutir a visão de mundo que os indivíduos têm, bem como relacionar os conhecimentos que o aluno carrega em si e adquire com a realidade que o cerca, é necessário que haja uma procura por um novo sentido para a avaliação, visto que esta assume métodos pouco eficazes e muito ultrapassados quando comparados à finalidade a que o ensino se propõe.

“A avaliação que a escola faz hoje causa no aluno um forte sentimento de inferioridade e de culpa pelo seu fracasso e por suas impossibilidades” (Esteban, 2002, p.108)

E este fracasso associado a classes mais baixas e ao castigo, vai ser responsável, em parte, pela indisciplina que se observa em muitas escolas nos dias de hoje.

Com base nas experiências vividas com a prática docente é o aluno que sofre com o processo de avaliação. Se ele vai mal, ele é incapaz não possui o saber, logo será infeliz e menosprezado se comparado aos outros, e poderá gerar uma revolta, mesmo que inconsciente que será sim responsável também pelo seu comportamento no ambiente social a que está condicionado.

O processo de avaliação que a maioria das escolas aplica não se direciona à aprendizagem mas sim em tornar o aluno um modelo a ser seguido, moldar um padrão de aluno que nada tem a ver com o que ele necessita para a sua vida ou que não deixa espaço para esclarecer dúvidas e debater questões mais relevantes.

A ação escolar, visando aumentar a eficiência das práticas que potencializam a assimilação e reprodução dos conteúdos, minimiza o caráter criador do processo ensino/aprendizagem, o que limita a ação tanto do professor quanto do aluno.

Apesar de sabermos que a educação precisa ser um processo de construção do conhecimento, as instituições de ensino continuam embasando seu processo avaliativo através da prática de decorar conteúdos e da transmissão de informações, o que não relaciona em nada a vivência do aluno e sua educação.

Alem disso existem muitos casos em que a avaliação de conhecimento e de comportamento se distorcem de tal forma que o aluno não é mais avaliado pelo que sabe, mas sim pelo que faz. O aluno é comparado aos demais e precisa se identificar com um padrão estabelecido, caso contrário, pouco importa o conhecimento que ele desenvolveu ao longo do tempo.

Falta uma proposta de avaliação que faça com que o aluno reflita sobre a realidade que o cerca e que possa pôr em prática aquilo que ele aprendeu e sobram os modelos de avaliação quantitativa que limitam as habilidades do aluno a ser nada além do que esperam que ele seja, além de, na maioria das vezes não obterem resultados imparciais.

Alunos se esforçam para vencer, ultrapassar o limite da média e o conhecimento adquirido fica de lado, ou seja, pouco importa. Com o tempo aprendem que custe o que custar eles precisam vencer, e às vezes, utilizam qualquer meio para alcançar este objetivo.

3.1 A recuperação do sujeito escolar como sujeito social.

A avaliação assume como tarefa a apreensão das habilidades já adquiridas ou em desenvolvimento buscando compreender os processos cognitivos e fazendo emergir os traços subjetivos do indivíduo. Se aceita interferência da subjetividade tanto na construção dos resultados observados quanto em sua análise, que aborda também os aspectos afetivos do sujeito que aprende e as condições emocionais que interferem na aprendizagem.

De acordo com Esteban (2002) a avaliação deve levar em conta o aluno e a sua realidade. O processo de avaliação precisa ter dois aspectos: formativo (visando auxiliar o aperfeiçoamento do processo educativo) e somativo (comparando efeitos alcançados com as reais necessidades do aluno).

Assim o aluno constrói suas próprias respostas considerando todo o universo real e psicológico que o cerca e a avaliação deixa de ser um mero instrumento de classificação e exclusão de alunos.

Nessa perspectiva não se pensa em eliminar os modelos de avaliação qualitativa e quantitativa existentes, mas sim aprimorá-los para que possam suprir as reais necessidades observadas no cotidiano escolar, tornando-os um processo mais interativo enfatizando o ensino, o outro e a aprendizagem (Esteban, 2002, p. 122)

Porque, se formos analisar, o problema não consiste em eliminar a avaliação existente, mas sim, em aprimorá-la para que essa contemple as reais necessidades a que uma avaliação justa e eficiente se destina.

3.2 Crises e perspectivas deste paradigma

Na tentativa de tornar a avaliação escolar um instrumento mais preciso, neutro e objetivo, as escolas desenvolvem propostas de mudanças que, vêm gerando uma crise no sistema avaliativo escolar da perspectiva positivista.

Não se sabe ao certo qual o melhor método ou aquele em que os resultados são mais confiáveis e até mesmo a questão do conhecimento tem sido colocada em xeque – os alunos vão mal porque a avaliação não é justa ou porque realmente não sabem?

Segundo Perrenoud (1999) entre os principais fatores que dificultam a mudança no sistema avaliativo escolar, se indica a necessidade de ruptura com um modo de entender a avaliação que privilegia a homogeneidade dos procedimentos, processos e resultados, modo esse que visa à construção de padrões que permitam à produção de hierarquias aparentemente neutras e objetivas, e que dá ao conhecimento uma feição pragmática, cujo objetivo principal é a aquisição de determinadas notas ou conceitos.

Se analisarmos tal afirmação é possível perceber que não dá mais para continuar tentando ‘medir’ o conhecimento dos alunos e que a avaliação escolar precisa ir muito além do significado de classificação dos mesmos – pois só quando se alcançar uma mudança real na escola, será possível mudar as políticas educativas e a realidade social classificatória e excludente que se encontram ainda tão valorizadas na realidade dos alunos fora da escola.

A proposta inovadora seria uma avaliação inclusiva que desse espaço para a avaliação da construção do conhecimento e do seu desenvolvimento.

O redimensionamento do conceito de avaliação escolar, articulado pelo compromisso com a democratização do ato pedagógico, tem como característica ser uma atividade mais participativa, desenvolvida através de um processo contínuo. Deste ponto de vista, a teoria sobre a avaliação precisa assinalar, para a atividade docente, estratégias que possam ajudar alunos e professores a compreender e intervir no processo coletivo de construção de conhecimentos.

Assim seria possível reconstruir o senso comum de maneira mais significativa onde o processo de ensino/aprendizagem não tenha uma medida que vise igualar a todos, mais sim que valorize o processo de aquisição, construção e ampliação do conhecimento individual do aluno. O senso comum deve ser tão reconhecido e valorizado quanto o conhecimento científico, aliás, os dois deveriam ser trabalhados mutuamente, visto que não se pode afirmar que um é mais útil ou verossímil que o outro.

Tanto um quanto outro fazem parte da realidade do aluno e, portanto, se fazem necessários para a aquisição do saber.

O modelo de avaliação tradicional deduz que o aluno é um depósito de conhecimento e que este saber se torna cumulativo, sendo possível usar instrumentos para medí-lo e que este conhecimento se divide de forma hegemônica a todos os que partilham das informações apresentadas aos alunos.

Visto que o ambiente escolar não apresenta seres idênticos nem no aspecto físico que dirá psicológico Esteban (2002) afirma que a sala de aula, como espaço plural, deve criar condições para a interpretação das experiências múltiplas que os sujeitos trazem, favorecendo a apropriação das interpretações e conhecimentos que se mostrem necessários. Perguntar por que uns alunos aprendem e outros não; deixa de ser suficiente; há que se indagar a dinâmica que favorece a aprendizagem de cada um e os mecanismos utilizados para responder a questões postas. O professor precisa de avaliação, pois uma resposta diferente da esperada não significa ausência de conhecimento, pode ser uma solução criativa com a utilização das ferramentas e conhecimentos que ele possuía.

É preciso considerar os erros como fatores que podem não ser determinantes do fracasso de um aluno – a interpretação real destes erros pode levar-nos a novas conclusões sobre o nível de conhecimento de nossos alunos.

Se formarmos uma educação mais democrática, entrando verdadeiramente num processo de transformação do ensino onde teoria e prática estejam ligadas de forma coerente, fazendo uma releitura do conhecimento e interpretação da prática (realidade do aluno) é possível criar um modelo de avaliação mais justo e confiável que o atual utilizado.

É visto que esta mudança não se dará em pouco tempo. O processo pode ser gradual e lento, mas já começou e vem ganhando força e espaço dia-a-dia, onde educadores vêm se tornando sujeitos participativos dessa transformação levando a educação por um caminho de consenso e a uma direção comum.

A avaliação como prática de investigação não se limita à distinção entre saber e não-saber, que reduz a dimensão processual da construção de conhecimentos, investe na busca do ainda não-saber, que trabalha com a ampliação do conhecimento, movimento permanente em que há sempre conhecimentos e desconhecimentos. O ainda não-saber abre espaço para a multiplicidade sem colocar rótulos no sujeito que conhece e estimula a reflexão sobre os diversos percursos possíveis, valorizando a heterogeneidade e a produção do novo.

Para alcançarmos uma mudança real e definitiva, primeiro é preciso que nos sintamos responsáveis e participantes dessa mudança – a diferença de dá entre analisar respostas certas e erradas ou respostas possíveis e respostas adequadas.
(Esteban, 2002, p. 168)

Somente no momento em que os profissionais da educação tomarem consciência de que a mudança no processo avaliativo é necessária, eficaz e depende fundamentalmente deles para o alcance de uma melhoria na qualidade do ensino, é que a educação se tornará realmente inclusiva e não o inverso como ocorre atualmente.

4 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O conhecimento é construído diariamente, através da leitura, discussão, exposição de ideias, construção de textos, aplicação na realidade e exercícios. E é por este motivo que a avaliação deve ser considerada como um processo, porque todos os dias as pessoas passam por novas experiências e apropriação de novos conhecimentos. É impossível medir a aprendizagem somente em dias e horas marcadas.

O professor que faz uso somente da prova como instrumento de avaliação dificilmente saberá se este aluno é um ser pensante, crítico, pois através da prova esperam-se respostas idênticas àquelas dos livros ou idênticas às respostas que o professor falou, impossibilitando assim o aluno de desenvolver o seu pensamento e por consequência transformando-o em um robô que somente reproduz o que lhe é transmitido.

O educador deve fazer uso, também, da prática de observação e registro em seu processo de ensino e de avaliação. É a partir de uma observação planejada e intencional que o professor poderá ir ajustando sua metodologia de ensino. É a partir desta observação, também, que o professor poderá verificar os níveis de motivação de seus alunos. Identificar quando o aluno presta atenção e quando se distrai faz parte da avaliação da própria prática pedagógica do professor. (FERNANDES, 2007, pg.45).

Através da observação e do registro diário dos fatos que acontecem na sala de aula pode-se verificar como está o desenvolvimento do aluno, seu interesse pelos assuntos abordados, seus conhecimentos e a sua motivação. Este método de avaliação pode auxiliar muito aos professores em relação a sua prática docente, ao seu profissionalismo, isto é, como os seus alunos estão se comportando, e o que levou a este comportamento, isto traz uma possibilidade para reflexão sobre o trabalho em sala de aula e pode auxiliá-los para rever alguns métodos e conceitos.

Os professores precisam ter sempre em mente a necessidade de estarem abertos a mudanças, a maneiras diversificadas da sua prática educativa; há uma necessidade de adaptação dos métodos de trabalho de acordo com a sociedade em que a escola está inserida, realidade do aluno, conhecimentos prévios, e também é necessário estabelecer uma relação de afetividade com o educando.

Segundo Sant'Anna (1995) em se tratando de escola, o professor deverá utilizar instrumentos para que a interação entre aluno e objeto da aprendizagem se constitua vínculo ativo e reforçador de vivências/experiências. O papel do educador é mediar o conhecimento, estabelecendo em aula relações de trocas de experiências, construindo significado para os temas abordados juntamente com a turma. É por meio da comunicação que ocorre apropriação de novos conhecimentos.

O processo avaliativo deve ser utilizado para analisar os métodos de ensino, estratégias usadas pelos professores, para repensa-los, modificá-los, melhorando o entendimento e o aprendizado dos alunos. A avaliação deve ser encarada como um modificador daquilo que precisa ser melhorado. O papel fundamental da avaliação deve ser diagnosticar para melhorar o que já foi trabalhado.

Dentre muitos objetivos da escolarização, destacam-se três que são essenciais: apropriar-se de um conjunto de dados de natureza física, biológica e social sobre a realidade que se vive e se enfrenta; funções cognitivas que permitam pensar e atuar sobre o mundo físico e social de maneira independente, crítica e criativa; tornarem-se cidadãos conscientes e responsáveis por sua conduta pessoal e social.

Deve-se pensar em uma proposta inovadora de avaliação para que como consequência obtenha-se uma melhoria na qualidade de ensino. O grande dilema para uma nova metodologia de avaliação centra-se no tempo das aulas, que é considerado insuficiente para que se possa aplicar uma avaliação mediadora, pois através desta é necessário conhecimento do aluno (individualmente).

[...] A prova dificilmente permite esse crescimento, até porque evita a argumentação, na medida que pede apenas uma resposta certa. O que queremos, em última instância, averiguar é se o aluno sabe pensar, argumentar, formular, propor.(DEMO, 2002, p. 65)

Ou seja, a partir do momento em que se elabora uma prova, onde o aluno precisa ter respostas exatas, a capacidade de argumentação, de reflexão e de posicionamento do aluno sobre determinado assunto fica limitada, estimulando assim a “decoreba” tão criticada e mesmo assim, muito utilizada pela maioria dos professores e alunos.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

A fim de verificar como anda a prática da avaliação escolar, não só na teoria, mas também no cotidiano escolar, realizou-se uma pesquisa envolvendo professores da rede estadual e municipal de ensino do município de Três Forquilhas.

O primeiro passo foi elaborar um questionário que indagasse estes profissionais sobre sua prática de ensino e seus métodos de avaliação, bem como questões que os fizessem refletir sobre o referido processo.

As questões norteadoras deste trabalho foram as seguintes:

- Como você realiza a avaliação da aprendizagem de seus alunos?
- Em que momentos você avalia?
- Quais critérios você utiliza?
- Quais dificuldades você enfrenta ao realizar a avaliação?
- Para que você utiliza os resultados da avaliação?
- Como você pode aperfeiçoar a sua prática pedagógica em relação à avaliação?
- O que é mais importante avaliar?
- A participação ou o conteúdo?

Baseando-se também em fatos ocorridos na escola escolhida para a prática do estágio supervisionado, em uma turma com 12 alunos no terceiro ano, sendo que a turma apresentava vários níveis de aprendizagem, a preocupação é muito grande em relação a avaliação e quando me deparei com a prática de estágio minha preocupação aumentou ainda mais, pois a questão era encontrar um método de avaliação que fosse justo e ao mesmo tempo eficiente.

Nesta turma havia alunos com baixo índice de aprendizagem, também alunos que desempenhavam muito bem suas atividades, assim como um aluno que não conversava durante a aula com ninguém, então todos estes problemas me angustiavam e resolvi realizar meu trabalho de pesquisa sobre avaliação, pois toda a turma precisava ser avaliada de forma diferente.

A primeira análise aconteceu quando me deparei observando o desenvolvimento dos educandos durante as aulas, diariamente, procurando perceber como estava acontecendo sua aprendizagem e onde residiam suas dificuldades.

De acordo com Souza (1991) o professor no espaço escolar é o único responsável pela avaliação de seus alunos, por isso é necessário que sua postura esteja voltada para o processo avaliativo que acompanha a construção de conhecimento e aprendizado dos mesmos, refletindo sobre sua própria prática criando espaços de troca de experiências, orientando e facilitando todo o processo de descobertas dos temas abordados, por meio de uma avaliação constante, que considera não só resultados, mas todo o processo de desenvolvimento, valorizando e respeitando as diferenças de cada um de seus alunos.

Por isso, a aula deve tornar-se um ambiente onde o aluno possa participar das atividades propostas pelo educador tendo oportunidade de expressar seus conhecimentos, de maneira que os mesmos sejam vistos como indivíduos capazes de construir, modificar e integrar idéias, tendo a oportunidade de interagir com outras pessoas, com objetos e situações que exijam envolvimento, dispondo de tempo para pensar e refletir acerca de seus procedimentos, de suas aprendizagens, dos problemas que têm que superar.

Quanto à pesquisa feita com os professores, analisando suas respectivas respostas, os mesmos citaram que os critérios utilizados nas suas práticas avaliativas consistem na participação, interesse, cooperação e organização, procurando sempre valorizar também o ritmo de cada um. Considerando também que a avaliação com alunos de séries iniciais é expressa por meio de parecer descritivo, registrando o desempenho e as descobertas individuais.

Nas demais séries, ainda é usado o tradicional método de avaliação que são as provas, onde observa-se que muitos profissionais estão utilizando esse recurso de maneira que o aluno seja punido por seu comportamento, ou que uma turma apresente características homogêneas para determinados conteúdos. Todos são avaliados na mesma medida, sem diferenciar suas necessidades ou dificuldades.

Uma das maiores dificuldades encontradas nesta pesquisa, é a de expressar minuciosamente os detalhes que envolvem as conquistas e as necessidades que cada aluno apresenta.

Alguns professores responderam que o foco de uma avaliação jamais deve estar centrado no conteúdo, mas sim em todas as suas descobertas durante o período em que o aluno estiver na sala de aula trabalhando, e também na sua capacidade de conhecimentos já que o professor ensina e o aluno aprende.

É possível observar que estes profissionais acreditam que o aluno é um ser

desprovido de conhecimento e que o professor detém o saber, sendo assim, os alunos serão avaliados pelo que o professor determina e não por aquilo que lhes é necessário ou lhes importa realmente.

Segundo Goni (2000) a maneira como nós professores avaliamos a aprendizagem de nossos alunos condiciona notavelmente a possibilidade de oferecer-lhes um ensino que respeite e atenda às suas diferentes características e necessidades educativas. Logo a importância de uma proposta mediadora e flexível, que valorize o ritmo, mas que precisamente possa observar erros e acertos como forma de oportunizar novos espaços de construção de conhecimento.

Segundo Sant'Anna (1995) o professor deverá utilizar instrumentos para que a interação entre aluno e objeto da aprendizagem se constitua vínculo ativo e reforçador de vivências/experiências. O papel do educador é mediar o conhecimento, estabelecendo em aula relações de trocas de experiências, construindo significado para os temas abordados juntamente com a turma. É por meio da comunicação que ocorre apropriação de novos conhecimentos.

A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. (LDB, 1996, art. 24, V)

Todos os entrevistados responderam as perguntas com o mesmo olhar em relação à maneira de avaliar demonstrando um grande interesse pelo assunto, pois o mesmo preocupa a todos e a todas, e estes ainda admitem que precisam rever seus métodos avaliativos.

Analisando as respostas dos entrevistados percebi que as idéias centrais estavam todas voltadas para uma urgente reforma, nos seus relatos diziam que a avaliação deve ser mais estudada e detalhada cientificamente, buscando considerar relações de afetividades entre professor e aluno que possam ser garantidas dentro das variadas formas de avaliação.

Os mesmos ainda consideraram que a afetividade tem um respaldo significativo sob a avaliação do aluno como um todo devendo ter como aspecto fundamental alcançar os objetivos no processo de ensino.

O professor deve buscar a disciplina dos alunos através da afetividade, da valorização do aprendizado de cada aluno e que esta possa ser garantida dentro das variadas formas de avaliação que contemplem a todos dentro da necessidade

específica de cada um.

Considerou-se então a necessidade de aprofundar mais esta pesquisa no que diz respeito à opinião de outros professores das demais escolas do município e de outras localidades próximas. Decidi fazer um questionamento direto com os professores sobre o conceito que está sendo estudado (avaliação). Foi-lhes perguntado sobre o conhecimento e a familiaridade que os mesmos apresentavam em relação ao tema proposto.

A maioria dos professores pesquisados consideraram que a avaliação deve ser um processo contínuo e que também serve para verificação do conhecimento adquirido pelo aluno.

Considerando o questionamento usado na pesquisa anterior ainda foram feitas novas questões sobre avaliação da aprendizagem, perguntando aos entrevistados qual seria, para eles, o conceito sobre prova; notas; trabalhos; testes; questionários; conteúdos e conhecimento.

Analisando o conteúdo das respostas da maioria dos entrevistados foi possível chegar as seguintes definições:

Prova: é um instrumento de avaliação que serve para testar os conhecimentos dos alunos com ou sem auxílio de material de apoio que ajuda a verificar o nível de conhecimento / aprendizagem do mesmo;

Notas: são conceitos ou níveis em que os alunos se encaixam e que somados classificam se o aluno está apto a prosseguir em um novo conteúdo ou numa nova série ou se este deve repetir exercícios para reforçar a aprendizagem ou mesmo, permanecer na mesma série em que se encontra;

Trabalhos: são instrumentos de avaliação que ajudam o aluno a alcançar uma nota com maior facilidade, sem tanta cobrança como a prova e com maior flexibilidade de ajuda, podendo ser em dupla, grupo, ou mesmo individual, e ainda, podendo ser feito fora da sala de aula.

Testes: são semelhantes às provas e servem para “testar” se o aluno aprendeu ou não o conteúdo que lhe foi aplicado;

Questionários: são os exercícios propostos em aula que ajudam o aluno a “fixar” o conteúdo e que na maioria das vezes são utilizados apenas para verificação da nota de participação;

Conteúdos: são, na maioria das vezes, burocráticos, devem ser seguidos para o bom andamento das disciplinas e são a matéria necessária para que o aluno saiba

realizar as avaliações que lhe são aplicadas, ou ainda, são assuntos relevantes para o desenvolvimento do aluno e para que ele se torne um cidadão ativo e pensante, agente e modificador da sua realidade;

Conhecimento: é aquilo que o aluno adquiriu no decorrer das aulas, ou seja, faz parte dele, está nele, o conhecimento é o que fica. Aquilo que o aluno leva consigo e que fica para a vida toda.

Considerando as respostas apresentadas é possível observar que, no que diz respeito às provas, os professores utilizam deste recurso para obter a nota que classifica o aluno como inteligente, ou não inteligente. Um grupo de questões ou exercícios aplicados em um determinado dia e horário, com ou sem ajuda do material de estudo do aluno, independente do seu estado ou comportamento neste determinado dia, irá determinar, de certa forma, o futuro deste aluno.

As notas, segundo os entrevistados, são os indicadores do nível de aprendizagem do aluno, elas é que mostram o que o aluno aprendeu, ou não. É a nota que determina se o aluno atingiu o nível esperado ou se precisa estudar mais. Segundo a pesquisa, a nota pode ainda manter o aluno na mesma série ou classificá-lo para a série seguinte.

As respostas mais interessantes foram as que se referem aos trabalhos, testes e questionários. Os trabalhos, independente do conhecimento que podem trazer ao aluno, são considerados, pela maioria dos entrevistados, como uma maneira mais “fácil” de se alcançar uma nota. Quanto aos testes, ora, como o nome já determina, para a maioria dos professores, testes servem para testar os alunos. Ver se os alunos aprenderam, se sabem a matéria. Os questionários servem para fixar o conteúdo, ou seja, a técnica da memorização (decoreba) ainda se faz muito presente em grande parte das nossas salas de aula. Sem contar que a prática em sala de aula só conta como participação.

Quanto aos conteúdos, alguns se dividiram: uns acreditam que são necessários apenas para que o aluno possa realizar as provas, mas alguns mostraram se importar com o que o aluno leva para a sua vida e aquilo que o transforma em um cidadão consciente e capaz de se posicionar perante a realidade que o cerca.

Além disso, quanto a questão do conhecimento, a maioria também mostrou que o conhecimento é aquilo que o aluno adquire para si, ou seja, o conhecimento faz parte do aluno e permanece com ele pela sua existência.

Apesar de apresentarem algumas respostas coerentes no que se referem aos

assuntos abordados, é possível verificar que durante toda a pesquisa a maior preocupação dos entrevistados é com o conceito que os alunos atingem nas provas, ou nos testes, ou seja, a nota é determinante para a classificação do aluno.

A questão do conhecimento é medida através da nota e da aplicação de um único instrumento de avaliação (a prova). O conhecimento construído e adquirido no dia-a-dia do aluno é muito pouco considerado, fazendo parte apenas de uma mísera nota de participação, ou seja, na maioria das vezes, perfazem um total de 10% da nota final

A própria vivência em sala de aula mostra que a avaliação se faz necessária durante todo o percurso escolar, pois é através dela que se pode desenvolver o que já é dado como pronto, tornando possível a flexibilização e utilização do conhecimento adquirido.

Uma simples pergunta feita pelo professor pode ser avaliada da mesma maneira que uma pergunta decorrente do sentido contrário, onde uma terá caráter indagativo, fazendo uma problematização da questão, enquanto a outra terá caráter investigativo e participativo através do questionamento, esclarecimento e busca pela compreensão das questões colocadas em análise

A utilização da avaliação não deve ser questionada porque fica óbvia a sua importância para a melhoria da educação. O que deve ser discutido na verdade é a maneira que está sendo feita a avaliação e o propósito para que a mesma está sendo feita, pois na maioria das vezes ela não está sendo utilizada com o seu significado básico que é a investigação e dinamização do processo de conhecimento e com sentido de provocar a constante inquietação por parte dos alunos, promovendo a dúvida e a busca por esclarecimento, a desconfiança e o ato de investigação, ato este que desenvolve as competências e as habilidades de maneira própria, individual, partindo do próprio aluno a vontade de se apropriar do conhecimento, proporcionando a si mesmo a aprendizagem significativa.

Através da observação e do registro diário dos fatos que acontecem na sala de aula pode-se verificar como está o desenvolvimento do aluno, seu interesse pelos assuntos abordados, seus conhecimentos e a motivação.

Este método de avaliação pode auxiliar muito aos professores em relação a sua prática docente, ao seu profissionalismo, isto é, como os seus alunos estão se comportando, e o que levou a este comportamento, isto traz uma possibilidade para reflexão sobre o trabalho em sala de aula e auxilia-lhes para rever alguns métodos e

conceitos.

Os professores precisam ter sempre em mente a necessidade de estarem abertos a mudanças, a maneiras diversificadas da sua prática educativa; há uma necessidade de adaptação dos métodos de trabalho de acordo com a sociedade em que a escola está inserida, realidade do aluno e seus conhecimentos prévios.

Outro ponto que deverá ser dado ênfase é a questão da participação do aluno. Como já foi citado anteriormente, a participação do aluno detém apenas uma porcentagem pequena no processo avaliativo. Este fato faz com que os esforços e a mentalidade tanto de alunos quanto de professores estejam voltados somente aos conteúdos. Para quebrar este paradigma é necessário que a participação do aluno seja valorizada por todos, ou seja, pelo professor, pelo aluno e pelo sistema.

Com base em tudo que foi visto, estudado e analisado até então, acredito que a avaliação precisa de um olhar especial de todos, não só dos profissionais da sala de aula, mas também dos órgãos competentes em criar projetos e teorias que possam ser aplicáveis na prática, bem como a preparação destes profissionais para tal ação avaliativa.

A avaliação excludente e tradicional ainda existente no ambiente escolar deverá ceder lugar aos poucos às práticas e teorias já apresentadas nesta pesquisa que propõem a avaliação do aluno em comparação com o seu crescimento individual, atendendo às necessidades de cada um e não à prática que os iguala em um mesmo nível de aprendizado e conhecimento.

Sabemos pela prática que temos em sala de aula, que cada aluno possui um ritmo diferente e que apresenta maneiras diferentes de compreender. Há muito tempo sabe-se que uma prova igual para trinta alunos diferentes não obterá resultados totalmente confiáveis. Logo não será justo reprovar ou aprovar um aluno que tenha sido submetido a tal método.

O principal cuidado deve ser em não tornar a avaliação um método de punição ou de opressão do professor contra o aluno. Devem ser avaliados aspectos como participação, interesse, cooperação, organização e observação do ritmo de cada um, da maneira de se expressar bem como seu desempenho em comparação com ele mesmo.

CONCLUSÃO

A partir da pesquisa bibliográfica foi possível observar que a educação vem sofrendo transformações ao longo destes anos, e que estas transformações foram muito importantes para que hoje todos tenham mais acesso ao conhecimento e melhores oportunidades de usar esse conhecimento adquirido.

O que este trabalho buscou entender foi como funciona a avaliação desse processo de ensino e aprendizagem, bem como os métodos e maneiras que são utilizados pelos profissionais da educação para “medir” o quanto esse ensino tem atuado sobre a vida do aluno.

A questão é que por tudo que foi analisado, percebe-se que essa influência, ou seja, a contextualização do conteúdo pelo aluno, parece importar menos do que deveria ao corpo docente escolar. O aluno recebe uma nota pelo que “sabe” (decora) e essa nota o classifica como inteligente ou não.

Além de, durante a análise da pesquisa social feita com professores da rede pública, observou-se que, por vezes, estes não conseguem atrair a atenção dos alunos para seus conteúdos, e a única maneira que encontraram de fazê-los estudar mais, é punindo-os com provas que dificilmente serão superadas pelos mesmos.

Analisando o material desta pesquisa percebe-se que o percurso da avaliação mostra que o seu processo evolutivo está praticamente parado, estático, ou seja, a avaliação é um processo educacional que faz parte de um sistema de ensino-aprendizagem no sentido de que as práticas utilizadas no âmbito escolar tiveram uma pequena mudança, mas não se adaptou ao crescimento e à evolução tecnológica da sociedade. Antigamente os professores utilizavam regras mais rígidas para disciplinar os alunos e para mantê-los sob sua autoridade, enquanto atualmente os professores estão utilizando a avaliação para disciplinar os alunos e para mostrar quem têm o poder.

Com base no que diz Silva (2002) a avaliação perde o seu significado essencial que é o de diagnosticar para melhorar o que ainda não alcançou o patamar desejado, esperado. A avaliação que como sua função primordial deveria estar sendo usada para rever métodos de ensino, para auxiliar os alunos em suas dificuldades, acaba por se tornar uma ferramenta de ameaças, de autoridade, acabando com o vínculo afetivo que deveria existir entre professor e aluno. Vínculo

este que é um desencadeador da aprendizagem, pois os alunos só aprendem daqueles em quem eles confiam.

O sistema de ensino atual precisa sofrer algumas transformações urgentes, deve-se iniciar a mudança a partir dos métodos utilizados para ensinar os conteúdos, onde o professor deve deixar de ser um transmissor do conhecimento para se tornar mediador, possibilitando assim que os alunos participem das aulas, exponham seus conhecimentos, se tornem indivíduos pensantes, críticos e com capacidade para decidirem o que querem fazer, como vão fazer e para que vão fazer, para que sejam sujeitos ativos na sociedade.

Partindo-se desta mudança de metodologia, muda-se também o sentido em que a avaliação vem sendo utilizada, ou seja, muda-se de instrumento de ameaça e classificação para instrumento de diagnóstico e reestruturação daquilo que precisa ser melhorado, proporcionando assim que professor e aluno se aproximem afetivamente e conseqüentemente ocorra o aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOM, Benjamin S. et al. **Taxionomia de objetivos educacionais**: domínio cognitivo. 8ª ed. Porto Alegre: Globo, 1983.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. 3ª ed. Brasília: A secretaria, 2001.
- DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**. 7ª ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 2002.
- ESTEBAN, Maria Teresa, et alli. **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ESTEBAN, Maria Tereza. **O que sabe quem erra?** 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FERNANDES, Cláudia de Oliveira. **Indagações sobre currículo**: currículo e avaliação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- FERREIRA, de Lucinete. **Conceitos da avaliação em transformação**. Disponível in:
<http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/didatica/unidade3/discussao/praticaaavaliativa.pdf>. Acesso em 24/10/2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2002.
- GOÑI, Javier Onrubia. **Rumo a uma avaliação inclusiva**. Pátio, Porto Alegre, n. 12, ano 3, p. 17-21, abr./fev., 2000.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 10ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1993.
- HOFFMANN, Jussara M.L. **Avaliação**: mito e desafio - uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1991.
- CHRISTOFARI, Ana Carolina. **Avaliação e inclusão escolar: desafios, conflitos e possibilidades**. Disponível in: <http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo6/necessidadesespeciais/avaliacaoescolar.pdf>. Acesso em 24/10/2010.
- LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- MIRAS, Mariana; SOLÉ, Isabel. **A evolução da aprendizagem e a evolução no processo de ensino e aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- Perrenoud, Philippe.. **Avaliação. Da Excelência à Regulação das Aprendizagens**, Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.
- PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. São Paulo: Ática, 2006.
- SOUZA, Sandra Zákia Lean de.(org). **Avaliação do rendimento escolar**. Campinas: Papirus, 1991.
- SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que Avaliar? Como Avaliar?** Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- SILVA, Eliane Nunes da. **Avaliação da aprendizagem: pressupostos ideológicos de uma prática de avaliação na Educação de Jovens e Adultos**. 2002 In: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/avaliacao_da_aprendizagem.pdf. Acesso em 20/10 /2010.